

A Sociologia do conhecimento em Mannheim e Elias – Modelos teóricos de Investigação social

Dagmar Hunger
Departamento de Educação Física
Universidade Estadual Paulista-Bauru/LESCHEF-Rio Claro/NEPEF
Samuel de Souza Neto
Departamento de Educação
Universidade Estadual Paulista-Rio Claro/NEPEF

O presente trabalho objetiva elucidar a sociologia do conhecimento, nas perspectivas teóricas de Karl Mannheim e Norbert Elias, reinterpretando a história do pensamento intelectual dos autores, bem como as influências de Mannheim em Elias. São abordados os conceitos de configuração, interdependência, força relativa, competição e poder apresentados nos respectivos estudos. Mannheim argumenta que os componentes de um grupo cooperam e competem em grupos diversamente organizados, ora pensando de forma comum e ora pensando de modo antagônico. Os indivíduos reunidos em grupo forçam, mediante a posição que pertencem, por modificar o mundo circundante, da natureza e da sociedade, ou por perpetuá-lo em uma dada condição. Dessa maneira é a direção destes desejos coletivos que fornecem o fio orientador ligado ao surgimento de seus problemas, seus conceitos e seus modos de pensamento. Portanto, na construção desses diversos modos de pensamento, é a competição que influencia na emergência de novos conhecimentos e os sentidos em que estes se desenvolvem, controlando a atividade econômica através do mecanismo do mercado, dirigindo o curso dos acontecimentos políticos e sociais, fornecendo o impulso motor de diversas interpretações de mundo, mas também se revelando como expressões intelectuais de grupos em luta pelo poder. Para Mannheim a vida inteira de um grupo histórico - social - apresenta-se como uma configuração interdependente, em que o pensamento é a expressão social e a interação desses dois aspectos (vida social e produção intelectual), bem como é o elemento essencial da configuração, cujas conexões devem ser averiguadas. Nesta perspectiva, mas sob outro enfoque, Norbert Elias, que foi professor assistente de Mannheim, defende a tese de que para compreender a sociedade há a necessidade do entendimento de que as pessoas constituem teias de interdependência ou configurações de muitos tipos. Para Elias configuração significa o padrão mutável que foi criado por um conjunto de jogadores – não só por seus intelectos - no seu todo, na totalidade das suas ações, nas relações que sustentam uns com os outros. A configuração forma um entrançado flexível de tensões. Para explicar o modo como se entrelaçam os fins e as ações dos homens, apresenta uma série de modelos de competição. Os modelos que se baseiam em duas ou mais pessoas, que medem as suas forças, parte do princípio de que esta é uma situação básica sempre que indivíduos entrarem ou se encontram em relação uns com os outros. Finaliza-se o estudo, justificando o quanto a compreensão dos modelos teóricos desses autores podem auxiliar numa reflexão científica – sociológica no campo dos fenômenos relativos à vida social, ampliando para novas perspectivas de análises da sociedade.

THE KNOWLEDGE'S SOCIOLOGY IN MANNHEIM AND ELIAS - THEORETICAL MODELS OF SOCIAL INVESTIGATION

The present work purpose is to present the knowledge's sociology within Karl Mannheim and Norbert Elias' theoretical perspectives. It covers the author's intellectual thought history, as well as, Mannheim's influences on Elias. The configuration, interdependency, relative force, competition and power concepts presented in respective studies are approached. Mannheim argues that, components of a determined group cooperate and compete in differently organized groups, sometimes thinking in a common way, sometimes adversely. The individuals gathered in groups force, under the position they are inserted in, by modifying the world around, nature and

society, or, by perpetuating it at a given condition. So, it's the direction of these collective wishes that supply the orientative wire connected to the arising of its problems, concepts, and ways of thinking. Therefore, during the construction of these different ways of thought, it is the competition that influences at the emerge of new knowledge and the directions where these ones are developed. Besides controlling the economic activity through the market mechanism, driving the course of political and social happenings, it also supplies the motor impulse of different interpretation of the world, many times revealing as groups' intellectual expressions in the fight for power. In synthesis, for the author, the whole life of a historical-social group is presented like an interdependent configuration, in which the thought is a social expression, and, the interaction of these two aspects (social life and intellectual production) is the essential element of configuration, whose connections must be verified. Elias who was Mannheim's assistant teacher, defends thesis that in order to understand the society; it is necessary to understand that people constitute nets of interdependency or configurations of many types. For Elias, configuration means the changable standard created by a group of players – not only by their intellects in their whole, in the totality of their actions that they hold up one with each other. The configuration forms a flexible tangle of tensions. In order to explain the way like men' ends and actions are connected, he presents a series of competition models. The models he develops are based in two or more people that measure their powers; he starts from the principle that this is a basic situation, always when individuals are met in relation one with the other. The study comes to its end by justifying how the understanding of these authors' theoretical models can assist, at the occasion o a sociological scientific-reflection inside the field of relating to social life phenomena.

Nos dois últimos séculos a ciência assumiu a sua hegemonia na esfera do conhecimento, privilegiando, num primeiro momento, as ciências físicas e naturais dentro de uma cosmologia matemática e mecanicista. Dentro deste contexto, o conhecimento tido como “verdadeiro” tinha como fonte metodológica o positivismo, também denominado de abordagem quantitativa, tornando-se a grande fonte de referência do que era considerado academicamente científico, exercendo uma espécie de “ditadura do conhecimento”, modelo, para as áreas que não possuísem os mesmos pressupostos epistemológicos. Posteriormente, num segundo momento, esse processo foi questionado pelas abordagens qualitativas, quando cientistas sociais começaram a indagar se o método de investigação das ciências físicas e naturais deveria continuar sendo o modelo de referência para o estudo dos fenômenos humanos e sociais.

Entre os primeiros investigadores nesse tipo de indagação, Dilthey - historiador, buscou uma metodologia diferente para as ciências sociais, observando que “os fenômenos humanos e sociais são muito complexos e dinâmicos para serem uniformizados”, pois nestes “a aplicação de leis gerais, como na física ou na biologia, se torna quase que impossível, havendo necessidade de se considerar o particular - elemento essencial para a sua compreensão” (André, 1995: 16-18). Nesta proposta, o pesquisador se propõe a compreender os significados atribuídos pelos atores às situações e eventos dos quais participam, tentando entender a “cultura” de um grupo ou organização, na qual coexistem diferentes visões correspondentes aos subgrupos que os compõem (Souza Neto, 1999).

Em face deste contexto, o presente trabalho objetiva elucidar a sociologia do conhecimento, nas perspectivas teóricas de Karl Mannheim e Norbert Elias. Portanto, trata-se de um recorte que se fará dos trabalhos desses autores, visando delimitar alguns pressupostos dessa nova metodologia de pesquisa com relação ao fenômeno humano.

Karl Mannheim¹ foi um pensador húngaro, de cultura alemã, que foi influenciado pelo marxista húngaro Georg Lukács (autor do livro *História e Consciência de Classe*, 1922), discípulo de Droysen e de Simmel.

Foi o responsável pela introdução da Sociologia do Conhecimento como disciplina científica e representante do historicismo, que é uma das correntes mais importantes na teoria do conhecimento social. Mannheim introduz o materialismo histórico do marxismo, afirmando que o conhecimento não é só historicamente relativo, mas é também socialmente relativo, com relação a certas condições do ser social, especialmente, das classes sociais. Em *Ideologia e Utopia*² - *Introdução à Sociologia do Conhecimento*, discute o Conceito Sociológico do Pensamento numa perspectiva histórica.

A proposta de seu estudo era elaborar um Método Sociológico para compreender o problema de como os homens pensam, no seu funcionamento efetivo na vida pública e na política, como resultado da ação coletiva.

Este método seria o da Sociologia do Conhecimento, tendo por tese que os modos de pensamento não serão adequadamente compreendidos enquanto permanecerem obscuras as suas origens históricas e sociais.

Argumenta que os componentes de um grupo cooperam e competem em grupos diversamente organizados e, assim, ora pensam em comum, ora antagonicamente. Os indivíduos reunidos em grupo forçam, de acordo com a posição dos grupos a que pertencem, por modificar questões da sociedade ou perpetuá-las em uma dada condição. De acordo com os desejos de mudar ou de conservar, dessa atividade coletiva, é que surgem os problemas, os conceitos e os modos de pensamento.

E, na construção dos diversos modos de pensamento, é a competição que influencia no aparecimento de novos conhecimentos e os sentidos em que estes se desenvolvem. Não só controla o mercado econômico e dirige o curso dos acontecimentos políticos e sociais, mas, principalmente, impulsiona as diversas interpretações de mundo que, quando descobertas as suas origens sociais, majoritariamente revelam-se como expressões intelectuais de grupos em luta pelo *poder*.

¹ Para melhor compreensão das raízes intelectuais de Mannheim, ler LÖWY, M., *Ideologias e ciência social* e; EAGLETON, T., *Ideologia – uma introdução*.

² MANNHEIM, K. *Ideologia e Utopia – Introdução à Sociologia do Conhecimento*.

Em síntese, Mannheim enfatiza que seu estudo consiste em observar de que modo a vida intelectual em um determinado momento histórico está relacionada com as forças sociais existentes. Ou seja, a *Sociologia do Conhecimento* objetiva uma compreensão sistemática das relações entre a existência social e o pensamento. Pois, para o autor, um grupo histórico – social apresenta-se como uma *configuração interdependente*, em que o pensamento é a expressão social e a interação desses dois aspectos (vida social e produção intelectual); é o elemento essencial da *configuração*, cujas conexões íntimas devem ser analisadas para que o contexto possa ser compreendido.

Mannheim enfatiza que:

(...) pertencemos a um grupo, não apenas porque nascemos nele, nem porque professamos pertencer a ele, nem finalmente porque lhe oferecemos nossa lealdade e lhe prestamos nosso preito de fidelidade, mas primeiramente porque vemos o mundo e certas coisas do mundo da mesma maneira pela qual eles os vêem (isso é, em função das significações do grupo em apreço) cada conceito, cada significado concreto é resultante das experiências de um determinado grupo. Em qualquer definição todo conteúdo substancial, toda avaliação não mais suscetível de merecer um consenso sofre uma reinterpretação em termos funcionais.³

Por isso, a *configuração* histórica existente em determinado período não se constrói artificialmente. As formas de pensamento persistem e são transformadas em estreita conjunção com as forças sociais. E, é a força social em oposição à ordem existencial que influenciará no destino das concepções.

Assim, a concepção da unidade e *interdependência de significados*, em determinado período, se encontra sempre na base da interpretação desse período. Em segundo lugar, esse *sistema interdependente de significados* varia, tanto em suas parcelas quanto em sua totalidade, com o período em que se encontra. Para tanto, a reinterpretação dessa transformação contínua e coerente de significados torna-se a preocupação principal das modernas Ciências Históricas.

Para Mannheim o que é mais importante é o fato de que uma vez apreendido pelo indivíduo o método de se orientar no mundo, ele se volta, inevitavelmente, para além do horizonte de sua cidade e apreende a se compreender como parte de uma situação nacional e, mais tarde, de uma situação mundial. Do mesmo modo será capaz de compreender a posição da própria geração, o contexto e a sua situação dentro da época em que vive, e esse período, por sua vez, como parte de um processo histórico.

³ MANNHEIM, K., *op. cit.*, p. 20-1.

Karl Mannheim trabalhou com Norbert Elias em Frankfurt, após ele ter estudado medicina, filosofia e psicologia nas Universidades de Breslau e Heidelberg. Era um sociólogo alemão que nasceu na cidade de Breslau em 1897 e morreu em Amsterdam no ano de 1990. Foi professor de sociologia na Universidade de Leicester (1945-62), na Universidade de Gana (1962-4) e no Centro de Pesquisa Interdisciplinar em Bielefeld. O seu trabalho mais conhecido é o livro intitulado *O Processo Civilizador* (1939).

Após 34 anos da versão inglesa de *Ideologia e Utopia*, esse sociólogo que foi professor assistente de Mannheim e; que fugiu da Alemanha nazista para a Inglaterra nos anos 30, publicou pela primeira vez, em 1970, *What is Sociology?*⁴

Mannheim criticava os métodos *epistemológico* e *psicológico* de análise e; já Elias critica a influência do pensamento *físico*, *químico* e *biológico* nas ciências humanas. Assim, apresenta estudo aprofundado dos conceitos ora inicialmente desenvolvidos por Mannheim.

Elias defende uma nova interpretação da Sociologia do Conhecimento para a sociedade contemporânea. Sua preocupação central é que na sociedade contemporânea é difícil superar o sentimento de encarar os seres humanos como se fossem meros objetos e, o que é mais agravante, como estáticos. Explica que estes sentidos de separação vêm sendo reforçados por conceitos correntes na linguagem acadêmica – científica. Pois, passou a ser usual afirmar que a sociedade é a *coisa* que os sociólogos estudam. Esclarece que muitas das descobertas das estruturas químicas e físicas passaram para o *stock* de conceitos e palavras usados no cotidiano da sociedade européia.

Mediante tais indagações, apresenta o *modelo tradicional* de compreensão da sociedade e que domina, ainda hoje, chamando-o de *Padrão Básico de uma visão egocêntrica da sociedade*. Com este modelo explica que o modo predominante de conceituar os grupos sociais – família, escola, indústria, estado, universidade, cidade – correspondem a pessoa individual, o ego particular, rodeado de estruturas sociais, que são entendidas como objetos em cima e acima do ego individual. O conceito de sociedade é, também, dimensionado desta forma.

Para reordenar a compreensão de sociedade, considera que é preciso substituir esta concepção tradicional deste modelo para o entendimento de que as pessoas constituem *teias de interdependência ou configurações* de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados; os quais o autor representa num diagrama que chama *Representação de indivíduos interdependentes* (família, estado, grupo, sociedade, etc.).

Sua crítica é que:

⁴ ELIAS, N. *Introdução à Sociologia*. Para maiores informações sobre sua produção intelectual, ler *Dicionário do pensamento social do século XX*, Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar. Ler, ainda, *Norbert Elias por ele mesmo*.

Falamos do indivíduo e do seu meio, da criança e da família, do indivíduo e da sociedade ou do sujeito e do objeto, sem termos claramente presente que o indivíduo faz parte do seu ambiente, da sua família, da sua sociedade. Conceitos como família ou escola referem-se essencialmente a grupos de seres humanos interdependentes, as configurações específicas que as pessoas formam umas com as outras.⁵

Deseja, ainda, explicar que os processos humanos e sociais são representados por pessoas que estão sujeitas as forças que as compelem, ou seja, representam de fato forças exercidas pelas pessoas, sobre outras pessoas e sobre elas próprias. E, neste sentido o ensino da sociologia e a prática de sua investigação deverão voltar-se para a compreensão dessas forças.

Afirma, então, que tem que se comprovar como e porque a interpenetração de indivíduos interdependentes forma um nível de integração no qual as formas de organização e processos não podem ser deduzidos das características biológicas e psicológicas que constituem os indivíduos.

Partindo do pressuposto que as pessoas modelam as suas idéias sob todas as suas experiências e, essencialmente, sob as experiências que obtiveram dentro do seu próprio grupo, entende que é preciso promover a evolução de um pensamento e de uma imaginação social relativamente à percepção da interconexões e *configurações* elaboradas pelas pessoas. Pois, as *configurações são formadas por grupos interdependentes de pessoas*, organizados em grupos e não por indivíduos singulares. Portanto, para Elias torna-se necessário investigar o modo como esses componentes individuais se ligam uns aos outros.

Elias explica muito bem que:

Uma tribo inteira podia desenvolver uma capacitação especializada para a pesca e trocar seu excedente, de maneira sistemática, pelos frutos e raízes comestíveis de uma tribo do interior. Com o correr do tempo, à medida que os povoados das aldeias se transformaram, aqui e ali, em povoações urbanas e cidades – Estados, em virtude do avanço da divisão das funções, e as cidades – Estados evoluíram para ligas de cidades ou reinos que, juntos, agregavam diversos burgos e as áreas rurais que os cercavam numa organização estatal mais frouxa ou mais centralizada, e os Estados dinásticos se transformaram em Estados nacionais, ou impérios mundiais, ou confederações de nações, como quer que tenha perseguido o desenvolvimento, despontaram não apenas hierarquias oficiais, funções coordenadoras especializadas permanentes, dotadas de um centro num mesmo nível, como também hierarquias oficiais, com seus centros verticalmente dispostos em muitos níveis. Quanto maior a área territorial e o número de pessoas e atividades especializadas dentro de um Estado, mais aumentou o número de níveis superpostos no aparelho governamental, bem como a variedade de departamentos e cargos.⁶

⁵ Idem, p. 13-4.

Ao se proceder toda esta complexidade social, gerou-se um distanciamento do entendimento de que os homens são seres sociais. E, de que sua organização biológica está em harmonia com sua vida social.

Para complicar ainda mais, Elias avalia que devido a divisão das disciplinas acadêmicas no Ensino Universitário, com a hegemonia das ciências biológicas e médica, o organismo têm sido visto em isolamento. Isto têm favorecido para a impressão de que o corpo de um ser humano, tal como é estudado nas aulas de anatomia e examinado pelos médicos – funciona como modelo real do que se entende por indivíduos. Considera-se o organismo isolado como real e, a vida comunitária das pessoas, sua sociedade e processos apresentam-se, em contraste, como não sendo efetivamente reais.

E, é deste modo, critica Elias, que a especialização acadêmica vêm permitindo que se construa um arcabouço conceitual inadequado, caracterizando a natureza e a sociedade como opostos. O que significa dizer que as Universidades continuarão isoladas, principalmente no que se refere à análise científica, enquanto os *indivíduos forem encarados meramente como eus desprovidos de um nós e não se entender adequadamente o papel da balança nós-eu, do ideal-do-nós e da identidade-nós nos sentimentos e comportamentos individuais.*⁷

Esta é a razão pela qual defende que não se pode reduzir a Sociologia à Psicologia, à Biologia ou à Física. O campo de estudo da sociologia – *as configurações de seres humanos interdependentes* – não se pode explicar ao estudar os seres humanos isoladamente. Defende que para se compreender muitos dos aspectos do comportamento ou das ações das pessoas individuais, deve-se iniciar pelo estudo da sua *interdependência*, das suas sociedades, em suma, das *configurações* que formam uns com os outros.

Defende que a Sociologia trata de pessoas: as *interdependências* que ocorrem entre elas constituem seu problema central. Procura tornar as teias “entrecruzadas” de relações mais transparentes e, por conseguinte, impedir o modo cego e arbitrário.

Enfatiza, ainda, que as sociedades são formadas de indivíduos e estes possuem características especificamente humanas, tais como as capacidades de falar, pensar e amar nas e pelas relações existentes com outras pessoas – em sociedade. Critica que se o objetivo da investigação física era reduzir tudo que se move e muda a algo de estático e imutável; isto não se pode dar com os indivíduos, pois uma pessoa está em constante movimento, ela não só atravessa um processo, ela é um processo. E, é com esse sentido que, a imagem do homem para o estudo da Sociologia não pode ser a da pessoa singular; deve ser a de pessoas no plural; a imagem de uma multidão de pessoas, cada uma delas constituindo um processo aberto e interdependente.

⁶ ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*, p. 113-4.

Pois, todo indivíduo logo ao nascer começa a jogar com os outros. Em suma, cada pessoa é uma entre as outras, e a todas as conseqüências que daí advêm.

Com os pronomes pessoais como *modelos figuracionais* que Elias apresenta, compreende-se facilmente que a posição individual nas relações não pode ser tratada de modo separado. A função do pronome *eu* na comunicação humana deve ser compreendida no contexto de todas as outras posições relativamente às quais se referem os outros termos da série. As seis outras proposições são inseparáveis, pois não é possível imaginar um *eu* sem um *tu*, sem um *ele* ou uma *ela*, sem *nós*, *vós* ou *eles*.

Os pronomes pessoais, no seu conjunto, são uma representação elementar do fato de que cada um se relaciona com os outros e de que cada ser humano individual é essencialmente um ser social. O conceito de indivíduo se refere a pessoas interdependentes, e o conceito de sociedade a pessoas interdependentes no plural.

O conceito de *configuração* para Elias representa um instrumento conceitual, tendo em vista evitar que se fale e pense como se o indivíduo e a sociedade fossem antagônicos e diferentes. O autor destaca: no momento em que quatro pessoas se sentarem à volta de uma mesa e jogarem cartas formam uma configuração. As suas ações passam a ser interdependentes.

Configuração significa para Elias, portanto, o padrão mutável gerado por um conjunto de jogadores – não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, na totalidade das suas ações e nas relações que sustentam uns com os outros. Na configuração observa-se um *entrançado flexível de tensões*. A interdependência dos jogadores, sendo uma condição prévia para que se forme uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou de adversários.

Explica que no seio das configurações mutáveis há um equilíbrio flutuante, elástico e de poder, que se move constantemente, inclinando-se primeiro para um lado e depois para o outro. Este equilíbrio flutuante é a característica do fluxo de cada configuração.

Como já foi descrito, o conceito de configuração chama a atenção para a interdependência das pessoas. Mas, Elias questiona: o que é que, na realidade, une as pessoas em configurações?

E, é neste sentido que advoga que uma das tarefas da pesquisa sociológica é a de tornar mais acessível à compreensão dos homens estes processos “cegos” e não controlados, explicando-os e permitindo às pessoas uma orientação dentro da teia social – a qual, embora criada pelas suas próprias necessidades e ações, ainda não lhes é clara.

⁷ Idem, p. 180.

Para explicar o modo como se entrelaçam os fins e as ações dos homens, apresenta uma série de modelos que são, com exceção de um, *Modelos de Competição* que (pelo menos nas suas formas mais simples) se assemelham a jogos reais tais como o xadrez, bridge, futebol ou tênis.

Os modelos desenvolvidos pelo autor se baseiam em duas ou mais pessoas que medem as suas forças. Pois, parte do princípio que esta é a situação básica sempre que indivíduos entram ou se encontram em relação uns com os outros.

Para Elias os jogos de competição constituem um elemento natural das relações humanas. Ou seja, sempre que sucederem provas de forças maiores ou menores entre as pessoas, as questões serão: serei eu o mais forte? – serás tu o mais forte? Dado um tempo pode-se chegar a um certo equilíbrio de poder que, de acordo com circunstâncias pessoais e sociais, poderá ser estável ou instável.

Ao explicar os modelos, adverte que deve ser levado em consideração que o equilíbrio de poder não se encontra unicamente na arena das relações entre os estados, onde freqüentemente se apresenta de modo espetacular. E, sim, constitui um elemento integral de todas as relações humanas.

Enfatiza que os modelos demonstram de modo simplificado o caráter relacional do poder. Ou seja, a “força” do jogo de um jogador varia relativamente ao seu adversário. E, o mesmo acontece com o poder, e com muitos outros conceitos da nossa linguagem. Os modelos de jogo, os conceito de equilíbrio, força e poder são mais adequados ao se investigar as relações que os seres humanos interdependentes mantêm uns com os outros, do que os conceitos modelados em objetos imóveis.

O primeiro modelo, em que Elias chama de “Competição Primária”, representa uma competição real e mortal entre dois grupos. É um modelo de competição sem regras. A rivalidade e inimizade entre dois grupos tornam-se cada vez mais feroz. Um antagonismo razoavelmente estável revela-se como forma de interdependência funcional. Os dois grupos são rivais e dependem um do outro, como num jogo de xadrez (originariamente como jogo guerreiro), os movimentos de um grupo determinam os movimentos do outro grupo e vice – versa. Só se pode explicar os planos e as ações de cada um dos grupos quando consideradas as forças coercivas que os grupos exercem um sobre o outro, devido à sua interdependência, à função bilateral que desempenham como inimigos.

A Competição Primária apresenta-se como um caso de fronteira. Neste modelo, um dos lados tem por objetivo privar o outro, não só das suas funções sociais como também da sua própria vida. Elias entende que ao se estudar as interdependências mutáveis dos homens e a

interpenetração dos seus objetivos e atividades, não se pode esquecer a interdependência dos antagonismos violentos representada por este modelo.

Nos *Modelos de Jogo de Processos de Interpenetração com Normas* apresenta como a teia de relações humanas se modifica quando é alterada a distribuição de poder, em que os participantes têm de exercer sempre um controlo mútuo.

Em *Jogos multipessoais*, o número de participantes está constantemente a crescer, aumentando-se a pressão efetuada sobre os jogadores para que mudem o seu tipo de organização. Com isto, a constituição da representação mental do decurso do jogo e da sua configuração torna-se cada vez mais difícil ao jogador. Assim, sente-se perdido, pois tal representação inexiste. O jogador precisa de uma representação razoavelmente clara do desenvolvimento do jogo e da sua configuração, que muda constantemente à medida que o jogo avança, para poder, de acordo com ela, planejar a sua próxima jogada.

A configuração dos jogadores interdependentes e a do jogo que conjuntamente jogam, constitui cada uma das jogadas individuais. Para o jogador individual é importante estar numa posição em que veja tal configuração para que possa decidir qual a jogada que lhe dará melhores possibilidades de ganhar ou de se defender contra os ataques do adversário.

Entretanto, há um limite para que um jogador individual possa se orientar adequadamente, planejando a sua estratégia sobre uma série de jogadas, especialmente quando se dá uma expansão da teia de interdependências dentro da qual está. Ao crescer o número de jogadores interdependentes, a configuração, desenvolvimento e orientação do jogo tornar-se-ão cada vez mais opacas para o jogador individual, estando cada vez menos apto a controlá-lo. Com isso, o jogo tornar-se-á progressivamente mais desorganizado e o seu funcionamento estará se deteriorando. E, ao deteriorar-se o funcionamento, há uma pressão crescente que se exerce no grupo de jogadores com vista a uma reorganização, podendo levar um grupo à desintegração, fragmentando-o numa série de pequenos grupos.

Assim, os grupos fragmentados podem movimentar-se à parte e continuar a jogar totalmente independentes dos outros grupos ou, constituir uma nova configuração de grupos interdependentes, cada um jogando de um modo mais ou menos autónomo, embora todos rivalizem em certas oportunidades. Há também a possibilidade de um grupo de jogadores se manter integrado, formando, no entanto, uma configuração altamente complexa, podendo desenvolver-se num grupo de dois níveis a partir de um grupo de um único nível.

Nos *modelos de jogo de dois níveis*, denominado por Elias do tipo *Oligárquico*, representa um grupo em que os indivíduos que jogam com os outros a um mesmo nível, pode

converter-se num grupo de jogadores de dois níveis. Todos os jogadores se mantêm interdependentes, mas já não jogam diretamente uns com os outros.

O autor diz que esta função é desempenhada por funcionários especiais que coordenam o jogo – delegados, líderes, governos, cortes, régias, elites monopolistas etc. É formado um segundo grupo menor, de nível secundário. As pessoas num segundo nível apenas têm como função respeitar as do primeiro nível. Cada um dos níveis é mutuamente dependente possuindo reciprocamente diferentes oportunidades de poder, correspondentes ao grau da sua dependência mútua. Mas, a distribuição de poder entre os indivíduos do primeiro e do segundo níveis pode variar. As diferenças de poderes existentes entre eles podem ser muito grandes – em favor dos últimos – e podem tornar-se cada vez menores.

Após explicar o tipo Oligárquico, Elias retrata outro jogo a dois níveis, em que chama de tipo *Democrático crescentemente simplificado*. É um modelo de dois níveis em que a força dos jogadores de nível mais baixo vai se desenvolvendo e crescendo lentamente, relativamente à força dos jogadores de nível mais alto. Ao diminuírem as diferenças de poder entre os dois grupos, reduzindo-se as suas desigualdades, o equilíbrio de poder torna-se mais flexível e elástico. Flutuará mais numa das direções. Se diminuírem as diferenças de poder entre os dois níveis, a dependência do nível mais alto em relação ao mais baixo tornar-se-á mais forte – e sendo mais forte, todos os participantes tem dela maior consciência. Torna-se mais evidente. Se as diferenças de poder continuarem a diminuir, mudam as funções dos jogadores de nível mais alto e, por fim, mudam os próprios jogadores. Tal configuração evidencia-se em tempos de crise.

Durante determinado tempo será difícil para os jogadores compreenderem que a sua incapacidade de controlar o jogo deriva da sua dependência mútua, das posições que ocupam enquanto jogadores e das tensões e conflitos inerentes a esta teia que se entrelaça.

Ao finalizar a explicação dos Modelos de Jogos de Competição, Elias enfatiza que são modelos didáticos. O autor acredita que ao ser utilizada a imagem dos participantes dum jogo como metáfora das pessoas que formam as sociedades, é mais fácil repensar as idéias estáticas que se associam a maior parte dos conceitos correntes.

Elias afirma que os modelos servem para a reflexão científica dos problemas relativos à vida social, sendo o mais importante entre eles, o problema do poder. E, a tarefa não é resolver tal questão, mas procurar desbloqueá-lo. Explica que na medida em que somos mais dependentes dos outros do que eles são de nós, em que somos mais dirigidos pelos outros, estes têm poder sobre nós, quer nos tenhamos tornado dependentes deles pela utilização que fizeram da força bruta ou pela necessidade que tínhamos de ser amados, pela necessidade de dinheiro, de cura, de estatuto, de uma carreira ou simplesmente de um estímulo.

Enfim, o autor destaca a importância dos modelos, lembrando que todas as relações – tais como os jogos humanos – são processos.⁸

Em suma, conclui-se enfatizando que os estudos dos autores em referência apresentam-se como uma leitura indispensável para pesquisadores que objetivam investigar, especialmente, no campo das ciências humanas.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papyrus, 1995.

EAGLETON, T. *Ideologia - uma introdução*. São Paulo: Unesp e Boitempo, 1997.

ELIAS, N. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LÖWY, M. *Ideologias e ciência social - elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 1996.

MANNHEIM, K. *Ideologia e utopia - introdução à sociologia do conhecimento*. Porto Alegre: Globo, 1950.

SOUZA NETO, S. *A educação física na universidade: licenciatura-bacharelado - as propostas de formação e suas implicações teórico-práticas*. Tese (doutorado) São Paulo, Faculdade de Educação da USP, 1999.

⁸ Para melhor compreensão dos Modelos de Jogo, ler o Capítulo 3, p. 77-112, do livro *Introdução à Sociologia* de Norbert Elias, *op. cit.* .